

SOBRE A ESCOLA DE FRANKFURT

José Chasin

(trecho de “Rota e Prospectiva”)

O caráter da reflexão frankfurtiana, para se ater ao mínimo, em que pesem os méritos de certos veios críticos de seu trabalho e os traços cativantes de algumas de suas personalidades, não favorece a recuperação do espírito e dos traços peculiares da analítica marxiana, desde logo pela sua arraigada desconfiança em relação aos procedimentos ontológicos e também pelo seu característico ceticismo prático, especificidades ambas a um tempo causa e efeito recíprocos de sua postura básica, cuja atmosfera, em geral e num plano superior, faz lembrar das ilusões e insuficiências neo-hegelianas de meados do século passado, em particular as engendradas pelo feitio de sua *crítica absoluta*, marcada pelo *dom* excêntrico de erradicar a *falsidade real* pela autoconsciência racional, e a crença indefectível nas virtudes da política. E aqui nem é preciso ir muito mais fundo na caracterização da fragilidade do acréscimo frankfurtiano, pois são bastante difundidas objeções de grande peso e alcance, ainda que para muitas polémicas, que essa vertente tem sofrido. Basta, de saída, sopesar a enorme dificuldade em reconhecer - dada a ampla diversidade teórica de seus partícipes e a escassa integração categorial que denotam suas obras individuais - a própria existência de uma *teoria crítica*, em que pesem teses e questões comuns a todos. Mesmo assim, e talvez por isso mesmo, é inegável a aptidão alusiva e comunicativa de vários de seus termos ou conceitos peculiares, amplamente difundidos na denúncia de aspectos muito característicos e gravosos da existência contemporânea. Diante das ignóbeis consolidações históricas deste século, pensar invariavelmente a sociabilidade como canga repressiva sem brechas parece ser um enunciado supremo

de verdade, capaz de sensibilizar e satisfazer todo ímpeto de protesto, crítica e recusa das mazelas da modernidade. Donde a sedução entorpecente de noções como *coletividade repressiva*, *reificação absoluta*, *razão instrumental*, *indústria cultural*, *crítica ideológica*, *negatividade*, *mercadoria absoluta*, *princípio do prazer*, *forma estética libertadora*, *necessidade biológica de liberdade* e tantas outras. Hipérboles de grande poder alegórico, próprias à natureza escatológica das formas de ideação que corporalizam, simplesmente arremetem - para muito além do emaranhado divergente e contraditório dos nexos constitutivos das efetividades - por atos mentais fincados e encrespados sobre si mesmos. Conceitos hipostáticos por generalização desmedida e indiferenciação congênita, lisos e amorfos em seu interior, reverberam no ilusionismo da plenipotência, sugerindo ter aptidão para designar e recobrir a tudo e a todos. Não podem por isso mesmo ser mais do que atraentes repositórios inespecíficos, vácuos e rígidos por supressão de formas e conteúdos, assim, incapazes de pulsar nos atos cognitivos, logo, impróprios para a reprodução teórica de qualquer objeto real, se esgotando no halo de suas simples presenças alusivas. Numa palavra, são *abstrações irrazoáveis*, diabruras do intelecto que, com muita armação e pouco jogo em seus deslimites de extensão e abstrata homogeneidade substantiva, facultam a arbitrariedade de qualquer requestado circunlóquio crítico; *a fortiori*, instrumentos da radicalidade da não radicalidade, a bravura discursiva do reconforto cético, a fala do espírito sem espírito, plasmado em renúncia: vibrante na letra, arrogante na postura, emasculado pela indecisão elevada a virtude, com vestes litúrgicas de superioridade celebra a missa da abdicação, depondo dos altares o desafio e a possibilidade de conhecer e agir.